

A ESTRADA DA VIDA

A questão da pluralidade das existências preocupou desde há muito tempo os filósofos, e mais de um viu na anterioridade da alma a única solução possível dos problemas mais importantes da Psicologia; sem este princípio, eles se encontraram detidos a cada passo e encurralados num impasse de onde só puderam sair com a ajuda da pluralidade das existências.

A maior objeção que se possa fazer a esta teoria, é a ausência da lembrança das existências anteriores. Com efeito, uma sucessão de existências inconscientes umas das outras; deixar um corpo para retomar logo um outro sem a memória do passado, equivaleria ao nada, pois seria o nada do pensamento; seriam tantos pontos de partida novos, sem ligação com os precedentes; seria uma ruptura incessante de todas as afeições que fazem o encanto da vida presente e a esperança mais doce e mais consoladora do futuro; seria, enfim, a negação de qualquer responsabilidade moral. Uma tal doutrina seria completamente inadmissível e completamente incompatível com a justiça de Deus, que a de uma única existência com a perspectiva de uma eternidade absoluta de penas por algumas faltas temporárias. Compreende-se, então, que aqueles que fazem uma ideia semelhante da reencarnação, rejeitem-na, mas não é assim que o Espiritismo no-la apresenta.

A existência espiritual da alma, diz-nos, é sua existência normal, com lembrança retrospectiva indefinida; as existências corporais são apenas intervalos, curtas estações na existência espiritual, e a soma de todas estas estações é apenas uma mínima parte da existência normal, absolutamente como se, numa viagem de vários anos, parássemos de tempos em tempos durante algumas horas. Se, durante as existências corporais, parece aí haver solução de continuidade pela ausência da lembrança, a ligação se estabelece durante a vida espiritual, que não tem interrupção; a solução de continuidade só existe, na realidade, para a vida corporal exterior e de relação; e aqui a ausência da lembrança prova a sabedoria da Providência que não quis que o homem fosse muito desviado da vida real, onde ele tem deveres a cumprir; mas, no estado de repouso do corpo, no sono, a alma retoma, em parte, sua alavanca, e aí se restabelece a cadeia interrompida, somente durante a vigília.

A isto pode-se fazer ainda uma objeção e perguntar que proveito pode-se tirar de suas existências anteriores para sua melhora, se não se lembra das faltas que se cometeu. O Espiritismo responde, primeiramente, que a lembrança de existências infelizes, juntando-se às misérias da vida presente, tornaria esta ainda mais penosa; é, portanto, um acréscimo de sofrimentos que Deus quis nos poupar; se assim não fosse, qual não seria nossa frequente humilhação ao pensarmos no que já fomos! Quanto ao nosso melhoramento, esta lembrança é inútil. Durante cada existência damos alguns passos adiante; adquirimos algumas qualidades, e nos despojamos de algumas imperfeições; cada uma delas é, assim, um novo ponto de partida, em que somos o que de nós fizemos, em que nos tomamos pelo que somos, sem ter que nos inquietarmos pelo que fomos. Se, numa existência anterior, fomos antropófagos, o que tem isso demais, se já não o somos mais? Se tivemos um defeito qualquer, do qual não restou mais nenhum traço, aí está uma conta saldada com a qual não temos mais que nos preocupar.

Suponhamos, ao contrário, um defeito que se tenha corrigido pela metade, o restante se encontrará na vida seguinte e é a se corrigir dele que é preciso se dedicar. Tomemos um exemplo: um homem foi assassino e ladrão; foi por isso punido, seja na vida corporal, seja na vida espiritual; ele se arrepende e se corrige da primeira tendência, mas não da segunda; na existência seguinte, ele será apenas ladrão; talvez um grande ladrão, porém não mais um assassino; mais um passo adiante e ele será apenas um ladrãozinho; um pouco mais tarde e ele não roubará mais, mas ele poderá ter a veleidade de roubar, que a sua consciência neutralizará; depois, um último esforço e tendo desaparecido qualquer traço da enfermidade moral, ele será um modelo de probidade. O que importa, então, o que ele foi? A lembrança de ter morrido no cadafalso não seria uma tortura, uma humilhação perpétuas? Apliqui este raciocínio a todos os vícios, a todos os desvios, e podereis ver como a alma se melhora passando e repassando pelas estamenhas da encarnação. Deus não será mais justo de ter tornado o homem árbitro do seu próprio destino, pelos esforços que ele pode fazer para melhorar-se, do que ter feito nascer sua alma ao mesmo tempo que seu corpo, e de condená-la a tormentos perpétuos pelos erros passageiros, sem lhe dar os meios de se purificar de suas imperfeições? Pela pluralidade das existências, seu futuro, está nas suas mãos; se ele leva muito tempo para se melhorar, sofre as conseqüências: é a suprema justiça; mas a esperança nunca lhe está interdita.

A comparação seguinte pode ajudar a tornar compreensíveis as peripécias da vida da alma. Suponhamos uma estrada longa, no percurso da qual se encontram, de distância em distância, mas com intervalos desiguais, florestas que se tem que atravessar; à entrada de cada floresta, a estrada larga e bela é interrompida e só retorna à saída. Um viajor segue esta estrada e entra na primeira floresta; mas aí, não há mais sendas trilhadas; um labirinto inextricável no meio do qual ele se perde; a claridade do Sol desapareceu sob a espessa ramagem das árvores; ele vagueia sem saber para onde vai; finalmente, após fadigas inauditas, ele chega aos confins da floresta, mas oprimido pela fadiga, dilacerado pelos espinhos, machucado pelos calhaus. Lá, reencontra a estrada e a luz, e segue seu caminho, procurando curar-se de suas feridas.

Mais adiante, encontra uma segunda floresta onde o esperam as mesmas dificuldades; ele, porém, já tem um pouco de experiência e dela sai menos contundido.

Numa ele encontra um lenhador que lhe indica a direção que deve seguir para impedi-lo de se transviar. A cada nova travessia sua habilidade aumenta, embora os obstáculos sejam cada vez mais facilmente superados; certo de reencontrar a bela estrada à saída, esta confiança o sustenta; depois, ele sabe orientar-se para encontrá-la mais facilmente.

A estrada chega ao cume de uma montanha muito alta de onde ele descortina todo o percurso, desde o ponto de partida; vê também as diferentes florestas que atravessou e lembra-se das vicissitudes que aí experimentou, mas esta lembrança nada tem de penosa, porque ele chegou à meta; ele é como o velho soldado que, na calma do lar doméstico, recorda-se das batalhas às quais assistiu. Estas florestas disseminadas pela estrada são para ele como pontos negros sobre uma fita branca; ele diz para si mesmo: “Quando eu estava naquelas florestas, nas primeiras, sobretudo, como me pareciam longas de atravessar! Parecia-me que nunca chegaria ao objetivo; tudo me parecia gigantesco e intransponível à minha volta. E quando penso que, sem este bravo lenhador que me colocou no bom caminho, talvez eu ainda estivesse por lá! Agora, que considero estas mesmas florestas do ponto onde estou, como me parecem pequenas! Parece-me que com um único passo, teria podido transpô-las; ainda mais, minha visão as penetra e lhes distingo os menores detalhes; vejo até os passos em falso que dei.”

Então, um ancião lhe diz: “— Meu filho, chegaste ao fim da viagem, mas um repouso indefinido causar-te-ia logo um tédio mortal e tu te porias a lamentar as vicissitudes que experimentaste e que davam atividade a teu membros e a teu espírito.

Vês daqui uma grande número de viajantes na estrada que percorreste, e que, como tu, correm o risco de se perderem no caminho; tens a experiência, nada mais temes; vai ao seu encontro, e tenta através dos teus conselhos guiá-los, a fim de que cheguem mais cedo.

— Irei com alegria, replica nosso homem; mas, acrescenta, por que não há uma estrada direta do ponto de partida até aqui? Isto pouparia aos viajantes passarem por estas abomináveis florestas.

— Meu filho, retruca o ancião, olha bem e verás nelas muitos que evitam um certo número delas; são aqueles que, tendo adquirido mais cedo a experiência necessária, sabem pegar um caminho mais direto e mais curto para chegar; mas esta experiência é o fruto do trabalho que necessitaram as primeiras travessias, de tal maneira que não chegam aqui senão em razão de seu mérito. O que saberias, tu mesmo, se não tivesses passado por lá? A atividade que tiveste que desenvolver, os recursos da imaginação que te foram necessários para te franquear o caminho, aumentaram teus conhecimentos e desenvolveram tua inteligência; sem isto, serias tão noviço quanto o eras ao partir. E depois, procurando livrar-te dos problemas, contribuíste, tu mesmo, para a melhoria das florestas que atravessaste; o que fizeste é pouca coisa, imperceptível; mas pensa nos milhares de viajantes que fazem outro tanto, e que, trabalhando por eles, trabalham, sem suspeitarem, para o bem comum. Não é justo que recebam o salário de suas penas através do repouso de que gozam aqui? Que direito teriam a este repouso se nada tivessem feito?

— Meu pai, responde o viajante, numa dessas florestas, encontrei um homem que me disse: “Nos confins há um abismo que é preciso atravessar de um só pulo; porém, de mil, apenas um único consegue; todos os outros caem ao fundo de uma fornalha ardente e ficam perdidos sem retorno. Este abismo, eu não o vi.”

— Meu filho, é que ele não existe, de outra forma, seria uma armadilha abominável armada para todos os viajantes que vêm a mim. Bem sei que lhes é necessário ultrapassar dificuldades, mas sei também que cedo ou tarde eles as ultrapassarão; se eu tivesse criado impossibilidades para um só, sabendo que ele devia sucumbir, teria sido crueldade, pior seria se tivesse feito para atingir a maioria. Este abismo é uma alegoria, cuja explicação vais ver. Olha a estrada, no intervalo das florestas; entre os viajantes, vês os que caminham lentamente, com um ar alegre, vê estes amigos que se perderam de vista nos labirintos da floresta, como são felizes por se reencontrarem à saída; mas ao lado deles, há outros que se arrastam penosamente; estão estropiados e imploram a piedade dos transeuntes, pois sofrem cruelmente das feridas que, pela sua falta, se fizeram através dos espinheiros; mas eles se curarão, e será para eles uma lição da qual aproveitarão na nova floresta que terão que atravessar e de onde sairão menos machucados. O abismo simboliza os males que experimentam, e dizendo que em mil só um o atravessa, este homem teve razão, pois o número dos imprudentes é bem grande; mas se enganou ao dizer que tendo caído uma vez, daí não se sai mais; há sempre uma saída para chegar até mim. Vai, meu filho vai mostrar esta saída àqueles que estão no fundo do abismo, vai sustentar os feridos da estrada e mostrar o caminho àqueles que atravessam as florestas.

A estrada simboliza a vida espiritual da alma, no percurso da qual somos mais ou menos felizes; as florestas são as existências corporais em que trabalhamos para nosso adiantamento, ao mesmo tempo que para a obra geral; o viajor, tendo chegado ao objetivo e que retorna para ajudar os que lhes vêm atrás, simboliza os anjos guardiães, os missionários de Deus, que encontram sua felicidade nesta visão, mas também na atividade em que se desdobram para fazer o bem e obedecer ao Senhor supremo.

Allan Kardec

(Allan Kardec. *Obras Póstumas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora CELD, 2002.)